SABi
UFRGS 05914970

Biblioteca
FAMED/HCPA

ANO 43

O BISTURI

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE

SETEMBRO Nº 5 — 1988

CHILE



LOS QUE VOTARON EL "SÍ" PODRÁN SUPORTAR ESTA MIRADA?

EDITORIAL

Na última edição, estávamos na iminência da nomeação do reitor da UFRGS. Desde o resultado das eleições (e mesmo anteriormente) já esperávamos que o reitor nomeado não seria o candidato mais votado, tendo em vista os acontecimentos em outras Universidades brasileiras, reflexo da postura do Governo de criar perspectivas de democratização dos setores da sociedade e de intervir nos resultados das eleições, quando estes forem adversos a seus interesses. Ou seja, a comunidade universitária é convocada para escolher o futuro reitor da Universidade, o processo eleitoral é definido pelos indivíduos de confiança do reitor da ditadura militar e o governo federal nomeia o então vice-reitor, 3° mais votado, quatro meses depois da eleição, visando a desmobilizar o quadro universitário. Desta forma, evidencia-se o fato de o governo atuar dentro dos padrões do colonialismo invisível, citado por Galeano, dando a idéia de liberdade e democracia até certo ponto, castrando as manifestações das pessoas, quando estas não se enquadrarem política e ideologicamente nos seus projetos de dominação, indiretamente dominação do capital internacional.

Surgia a intervenção da Reitoria por um indivíduo oportunista, que retoricamente comprometeu-se a não aceitar a nomeação caso não fosse o primeiro da lista, e mais, que lutaria para que todos os candidatos lutassem para que o mais votado fosse o novo reitor da Universidade. Tal atitude hipócrita e oportunista do interventor da UFRGS já havia sido demonstrada, quando este, nas vésperas da "eleição", rompeu com o ditador Francisco Ferraz, com quem havia convivido passivamente, durante quatro anos, na administração da Universidade.

Frente ao desrespeito da escolha da comunidade universitária e da falta de "vergonha na cara" do interventor da Universidade, surgiu a necessidade de uma resposta por parte da comunidade universitária. Esta resposta se deu através da tentativa de formar um movimento composto de professores, funcionários e estudantes que exigisse a renúncia do interventor e a nomeação do reitor eleito.

Hoje, um mês após a nomeação de Gerhard para a Reitoria, vemos que o movimento da comunidade universitária desfaleceu. Parece-nos que o fracasso do movimento deu-se: pela falta de mobilização total dos professores e funcionários (à "flor da reação"); pela completa desorganização do DCE para com o movimento dos estudantes, dada tanto pela má divulgação das atividades, como pelo mau encaminhamento dos comícios, digo, assembléias; pela falta de representatividade das entidades da comunidade universitária, sendo que as reivindicações das mesmas para com a Universidade são distantes das posições da maioria dos integrantes do quadro da Universidade (que nada reivindicam, pois são representantes da minoria da sociedade ou seguem a ideologia desta minoria); atitudes como as pixações infantis com as quais muitos integrantes da Universidade não simpatizam, fazendo com que o movimento perdesse uma maior participação; e fundamentalmente pelo marasmo que tem caracterizado a Universidade, pois somos traídos por um governo ilegítimo que nomeou um hipócrita para dar os "Novos/Velhos Rumos" à nossa Universidade, e voltamos às atividades como se nada tivesse acontecido, conformando-nos com a ditadura civil e o desrespeito à instituição universitária.

Em nota oficial à imprensa, Gerhard Jacob informa que chamou a polícia...



...para preservar o patrimônio público.

No dia de posse de Gerhard como reitor da UFRGS, um grupo de, inicialmente, cem estudantes "invadiram" (quem será que invadiu primeiro?) o Conselho Universitário, exigindo a renúncia do interventor, que já havia sido intimado mediante a entrega de uma carta por centenas de estudantes que subiram até seu gabinete. Naquele dia, Gerhard deveria tomar posse oficial perante o Conselho, mas, receoso da manifestação dos estudantes, lavrou instantaneamente a ata de posse, resultando na entrada dos mesmos no recinto. Os estudantes mantiveram os integrantes do Conselho Universitário, os quais, diretamente ou por omissão, compactuavam com toda a situação, juntamente ao interventor, durante quatro horas, exigindo a manifestação de Gerhard, que recusou-se a se manifestar. E a sua manifestação se deu ao chamar a polícia militar para interferir na Universidade, numa atitude rara mesmo na época da ditadura militar. A polícia invadiu o conselho com machadinhas e pontapés, pedindo, "delicadamente", e preservando o patrimônio da Universidade, que os estudantes se retirassem, utilizando de meios pacíficos como o gás lacrimogênio e empurrões. Algumas pessoas foram presas num banheiro cheio de gás lacrimogênio, obrigando os estudantes a derrubarem a porta, a fim de respirar, atingindo a Central Telefônica. É bem verdade que a invasão ao Conselho e a manutenção das pessoas presas lá dentro foi uma atitude desorganizada, na medida que a liderança do movimento não sabia o que fazer, e que, com a entrada da polícia, alguns estudantes entraram em pânico, quebrando janelas e mesas.

Passado este acontecimento, o movimento perdeu progressivamente suas forças, caindo no descrédito da possibilidade de renúncia.

Neste mês de setembro, assumiu a pró-reitoria de extensão o atual Diretor da Faculdade de Medicina, W.C. Manfroi, segundo colocado da lista sêxtupla, finalmente assumindo ser cúmplice de Gerhard, quebrando sua palavra (dialética, como gosta de definir) de não assumir a reitoria caso não fosse o reitor eleito, em respeito àqueles que escolhessem outra pessoa para administrar a Universidade. No dia de sua posse, um grupo de dez estudantes da Faculdade de Medicina fez-se presente, entregando uma carta de repúdio à sua posição, recebendo do mesmo os argumentos de que nada poderia ser feito frente a uma posição do presidente da República e de que Alceu Ferrari era um mau candidato e que havia traído o grupo dos "Novos Rumos" inicialmente. Como resposta, levamos a posição de que não estávamos defendendo as qualidades do candidato Alceu Ferrari, mas sim o respeito à comunidade universitária e ao processo de democratização da Universidade e que deveríamos buscar a justiça sempre, mesmo que contra a lei. Fica uma pergunta a Manfroi: quem traiu quem?

Enquanto vivemos hoje neste panorama de "ditadura invisível", aos vinte anos de ditadura militar, o Chile passa por um momento decisivo em sua história. Após quinze anos do golpe militar que empossou Pinochet como "presidente" chileno, surgem esperanças de eleições livres, resultado da luta do povo chileno e do recuo político de Pinochet, que busca afirmação no poder como presidente eleito pelo povo. No próximo dia 5 de outubro, será realizado o plebiscito que poderá abrir espaços para a libertação chilena. QUE GANHE EL NO!!!

Vale, para finalizar, lembrar os fatos acontecidos com a ATM 90/1, que levaram à parada das atividades da turma durante quase um mês. No início do semestre 88/2, a ATM foi informada de que metade dos estudantes não teriam estágio de Dermatologia e Neurologia, devido à falta de professores no turno da tarde. Acontece que o turno da tarde é reservado por estes professores como horário de atendimento em seus consultórios particulares, evidenciando a falta de responsabilidade dos mesmos como professores universitários, servindo este cargo apenas como títulos e status para suas vidas profissionais. Após o período em que a turma inteira paralisou as atividades, o impasse "resolveu-se" com a utilização (perda), por parte da metade da ATM, de um estágio opcional do 10° semestre.

Lembramos, também, que na primeira semana de novembro, serão realizadas as eleições para a Diretoria do CASL. A fim de que sejam avaliadas as posições e atividades do CASL e que destas avaliações nasçam novas perspectivas para nossa entidade, serão realizadas discussões sobre o CASL em meados de outubro. Portanto, se você tem críticas à atuação e às concepções do CASL, ocupe este espaço para a construção de uma entidade participava no meio estudantil.

Comissão Editorial

EXPEDIENTE
SECRETARIA DE IMPRENSA: Marsal, Luis Felipe (4º sem) e Jones (6º sem)

AGRADECIMENTOS
Carlos O. Kieling (4º sem)
Loreci Durgante (3º sem)
Pacy (6º sem)
Maria Helena (Revista Utopia)
José Lerner

DIAGRAMAÇÃO DE "O BISTURI"
Marcos Strey - RG 4266
EDIÇÃO GRÁFICA:
Fotoletras (fone: 33-2020)

Movimento ecológico: responsabilidade de todos

Nos dias de hoje, mais do que nunca nos preocupamos com a questão "sobrevivência" (armamentos nucleares + exaustão/destruição dos recursos naturais). A princípio, ela deve ser encarada a partir do próprio autoquestionamento do nosso trabalho, consumo, lazer, saúde, relacionamentos e visão do mundo. Pra começo de conversa, isto é, basicamente, o que o Movimento Ecológico e seus diversos ramos apresentam: a busca de um novo Mundo.

A Ecologia Natural é a área que se dedica a estudar o funcionamento dos sistemas naturais através da Biologia, Física, Química, Geologia, etc. Tem por base o Ecossistema e poderíamos dizer que é a visão de Ecologia passada em nosso sistema educacional.

A Ecologia Social analisa a relação entre os homens e o meio ambiente — especialmente a forma pela qual a ação humana costuma incidir destrutivamente sobre a natureza — de um modo qualitativo: ela é socialmente determinada. O homem atua sobre o meio não apenas para retirar o necessário para sua manutenção física, mas também para satisfazer necessidades que são socialmente fabricadas (e que acabam sendo, em vez de meio, um fim — supervalorizadas). Estas, nascem com o crescimento sócio-econômico e cultural das sociedades que é encarado, na forma desenvolvimentista, pela divisão e estratificação social no interior dos grupos humanos. Isto é o reflexo da "economia liberal industrial" capitalista selvagem, que supõe um mercado em permanente expansão, onde produzir cada vez mais passa a ser uma necessidade inerente ao próprio sistema, não para assegurar a satisfação das necessidades coletivas, mas sim para garantir o processo de acumulação de capital no interior de uma economia baseada na competição entre grandes empresas (após terem "quebrado" e englobado as empresas menores).

O Conservacionismo engloba o conjunto de idéias e estratégias de ação voltadas para a luta em favor da conservação da natureza e da preservação dos recursos naturais (que, vale lembrar, não são infinitos, como alguns pensam). Há uma preocupação em criticar os aspectos da estrutura sócio-econômica que possuem impacto destrutivo direto sobre a natureza, não se ocupando em questionar os aspectos que dizem respeito a um questionamento e transformação mais profunda da sociedade.

O Ecologismo (do "Partido Verde") tem por base um projeto político de transformação social, calcado em princípios ecológicos e no ideal de uma sociedade não-opressiva e comunitária. A resolução da atual crise ecológica não poderá ser concretizada apenas com medidas parciais da conservação ambiental, mas sim através de uma ampla mudança na economia, cultura e na própria maneira de os homens se relacionarem entre si e com a natureza. Busca garantir a sobrevivência da espécie humana em uma sociedade não-opressiva, igualitária, fraterna e libertária. Antes de ser uma doutrina, é uma atitude de vida. Os ecologistas não são favoráveis à estagnação e inimigos do "progresso". Para os ecologistas, progresso é um crescimento socialmente desejável e ecologicamente sustentável: da cultura, da educação, da satisfação das necessidades humanas.

Apesar de, à primeira vista isolados, os "ramos" do Movimento Ecológico podem e devem trabalhar juntos, buscando o crescimento conjunto. O princípio básico que o Movimento Ecológico deve ter é o que a solução real não surge de cima para baixo, e sim da iniciativa, criatividade e solidariedade de todos nós, agentes ativos da História, na busca da construção de um mundo digno da condição humana. Isto é conseguido através, primeiro, da nossa manifestação política — situando política como manifestação de idéias e todos os nossos atos — não há neutralidade —, enfim a expressão de idéias, e não a "política profissional", que desvirtua o conceito de "política".

Para finalizar, uma citação de Laura Conti, que representa, antes de tudo, esperança: "Não queremos um mundo árido e fétido, mas sim um mundo com ar limpo, águas claras, terra negra e fértil, animais abundantes e variados, onde possamos viver juntos. Queremos um mundo vivo e um mundo são, e também — por que não? — um mundo belo".

Marsal Lerner — ATM 92/2

O texto que segue — trechos da carta escrita em 1854 pelo Chefe Índio Seattle ao então Presidente dos EUA, Franklin Pirce o ("Grande Chefe branco de Washington"), que pretendia comprar uma faixa territorial imensa de sua tribo, prometendo em troca uma "reserva" — representa a preocupação simples e digna do Índio: a preservação não de um espaço que é seu, mas sim de um espaço que é responsabilidade de todos nós.

"TUDO O QUE ACONTECER À TERRA, ACONTECERÁ AOS FILHOS DA TERRA"


Biblioteca
FAMED/HCPA

"Como podereis vós comprar ou vender o céu, o calor, a terra? Se nós possuíssemos a frescura do ar e a frescura da água, de que maneira poderia V. Excia. comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada espinho do pinheiro, cada rio murmurante, cada bruma nos bosques, cada clareira, cada zumbido de insetos é sagrado na lembrança e na vivência de meu povo.

A seiva que correr nas árvores lembra meu povo. Nós somos uma parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cravo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. As rochas escarpadas, o aroma das pradarias, o ímpeto de nossos cavalos e o homem — todos são da mesma família.

Assim o Grande Chefe de Washington, mandando dizer que quer comprar nossa terra, está pedindo demais a nós índios. Manda o Grande Chefe dizer que nos reservará lugares onde poderemos viver confortavelmente entre nós. Ele será nosso pai e nós, seus filhos. Prometemos pensar na vossa idéia de comprar nossa terra.

Mas não será fácil, pois esta terra para nós é sagrada.

A água cintilante que corre nos riachos e rios não é só água, mas, também, o sangue de nossos ancestrais. Os rios são nossos irmãos. Eles saciam nossa sede, levam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se nós vendermos nossas terras, vós deveis lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e também vossos, e vós deveis doravante dar aos rios a ternura que mostrais para um irmão.

Sabemos que o homem branco não entende nossos costumes. Um pedaço de terra, para ele, é igual ao pedaço da terra vizinha, pois é um estranho que chega, às escuras, e se apossa da terra de que tem necessidade. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e uma vez conquistada, o homem branco vai mais longe. Seu apetite arrasará a terra e não deixará nela mais que um deserto.

Não sei, nossos costumes são diferentes dos vossos. A imagem de vossa cidade faz mal aos olhos do homem vermelho. Mas isso talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não entende.

Não há mais lugar calmo nas cidades do homem branco, a barulheira parece estourar os ouvidos. O índio prefere o doce assovio do vento, lançando-se como uma flecha sobre o espelho de um lago, e o aroma do vento, molhado pela chuva do dia, ou perfumado pelo pinheiro.

O ar é precioso ao homem vermelho, pois todas as coisas participam do mesmo sopro — o animal, a árvore, o homem, eles dividem todos o mesmo sopro. O homem branco parece não lembrar do ar que respira. O vento, que deu ao nosso avô seu primeiro fôlego, recebeu, também, seu último suspiro.

Pensaremos, portanto, na vossa oferta de comprar as nossas terras. Mas, se decidirmos aceitá-las, eu porei uma condição: o homem branco deverá tratar os animais selvagens como irmãos. Vi mais de mil bizontes apodrecendo nos campos, abandonados pelo homem branco, que os abatem de um trem que passava.

O que é o homem sem os animais? Se os animais desaparecerem, o homem morrerá dentro de uma grande solidão.

Ensinai, também a vossos filhos, aquilo que ensinamos aos nossos: que a terra é nossa mãe. Dizei a eles, que a respeitem, pois tudo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no chão, eles cospem sobre eles mesmos. Ao menos sabemos isto: a terra não é do homem; o homem pertence à terra. Todas as coisas são dependentes. Não foi o homem que teceu a teia de sua vida, ele não passa de um fio dessa teia. Tudo que ele fizer para essa teia, estará fazendo para si mesmo.

Há uma coisa que sabemos, e que o homem branco descobrirá, talvez um dia: é que nosso Deus é o mesmo e sua piedade é igual, para o homem vermelho e o branco. Esta terra lhe é preciosa e danificá-la é cumular de desprezo a seu CRIADOR.

ANATOMIA URGENTE

Há muito que o ensino de Anatomia Humana (será que é só ela?) vem sofrendo um processo de perda de qualidade de ensino em nossa Universidade, processo este que neste momento está chegando a um nível inaceitável.

Considero que antes de abordar o problema específico da Anatomia, seja imprescindível inserir o problema numa perspectiva mais ampla, caracterizando a posição de que, se o mesmo for solucionado, não estará resolvido o problema do Ensino de Anatomia dentro da formação médica.

Entendo que o ensino de Anatomia ao qual somos submetidos é inadequado, tal como os demais conhecimentos básicos, para a formação do profissional de saúde e, conseqüentemente, sua inserção social. Em primeiro lugar, o ensino destes conhecimentos básicos reproduz um modelo mecanicista (biomédico) de concepção do homem e do mundo. No caso da Anatomia, tal reprodução é dada pela desarticulação do corpo humano, a máquina, em sistemas e órgãos, as peças, às quais serão objeto das diversas especialidades médicas e, quando mal funcionantes, tratadas sempre da mesma forma. Em segundo lugar, vê-se que os conhecimentos básicos não estão, em nosso modelo de formação, articulados entre si e, principalmente com os conhecimentos clínico-cirúrgicos, à medida que somos submetidos a conhecimentos, na maioria das vezes, que não terão aplicações nas condutas de um médico geral. Desta forma, perdemos grande parte do tempo "memorizando" as origens e inserções dos músculos, diâmetros das células, morfologia dos parasitos (e muitos outros exemplos) enquanto nos formamos com mínima experiência prática, muitos conhecimentos inúteis, resultando numa incompetência para resolver tecnicamente (quanto mais sócio-economicamente) os problemas de saúde do ser humano e sua coletividade. Podemos, inclusive, analisar tal desarticulação de uma maneira mais ampla, pois está presente, não só na formação médica, como também em todas as áreas do conhecimento. Assim, o conhecimento é compartimentalizado em disciplinas e departamentos, e dividido em conhecimento básico e conhecimento técnico.

Tal separação ocasiona a formação de pseudo-especialistas, indivíduos sem conhecimento integrado e prático e que busca na especialização a resolução dos problemas de sua formação.

Não estou aqui menosprezando os conhecimentos morfo-fisiopatológicos, de fundamental importância no conhecimento médico (em qualquer prática médica), mas sim criticando a utilização destes conhecimentos na formação do profissional de saúde. Defendo, aqui, a não-desarticulação do conhecimento básico entre si e com o conhecimento clínico, e que tal integração básico-clínica esteja voltada à formação de um médico capaz de prevenir e intervir no processo saúde-doença de um indivíduo ou de uma comunidade, dentro de uma concepção holística do homem e do mundo.

Inserido nesta questão de fundo, a qual é resultado de um processo histórico, podemos agora abordar o problema específico do ensino de Anatomia, dentro da já criticada estrutura universitária e do Ensino Médico.

A qualidade de ensino de Anatomia tem gradativamente decaído por uma série de fatores, principalmente a falta de material para o ensino prático e a desorganização das disciplinas.



O problema da falta de material para o ensino e pesquisa de anatomia humana é causado, no caso de material humano, por questões legislativas (reflexo, em parte, das concepções religiosas) e político-universitárias, e no caso de peças sintéticas, devido ao alto custo das mesmas. A questão legislativa que leva à falta de material para o estudo de Anatomia pode ser resumida da seguinte forma: quando do falecimento de uma pessoa, o corpo deverá ser necropsiado, caso não seja sabida a causa mortis e, necropsiado ou não, será dado um prazo para a requisição por parte da família, a não ser em casos de doação individual. Após este prazo, o corpo poderá ser destinado ao ensino e pesquisa. Acontece que o INAMPS destina à família um auxílio financeiro para o enterro, levando não-familiares a solicitarem o corpo a fim de receber o auxílio, devido à falta de fiscalização. Já o problema político-universitário refere-se à falta de funcionários e viaturas para trazerem os corpos à Universidade, dado o fato da falta de verbas ao ensino e da impossibilidade de contratação de funcionários, e do isolamento tanto por parte da FAMED como da Direção do Instituto de Biociências, e falta de autonomia do Departamento para tomar providências.

Uma questão fundamental para a discussão da falta de material humano para o ensino de Anatomia refere-se às concepções religiosas a respeito da morte que estão por trás de atitudes hipócritas de nossa parte, as quais gostaria de analisar. Nós, estudantes profissionais da área de saúde, que passamos por um processo de mecanização e de "ateização" de nossas concepções imposta pela racionalidade médica e pela frieza do início de nossa vida acadêmica, embora saibamos a fundamental importância dos conhecimentos anatômicos na prática médica, não aceitamos a possibilidade de, após nossa morte, doarmos nossos corpos ao ensino de Anatomia. Ou seja, reservamos àqueles que nosso sistema social explorou e isolou, os ditos loucos e indigentes ("casualmente", condições sociais presentes no mesmo indivíduo), o destino de servirem à "ciência". Será que tais concepções religiosas não estão impossibilitando o avanço do conhecimento humano e da formação de profissionais de saúde mais competentes. E mais, será que tais concepções religiosas não estão dando uma razão para a existência de loucos e indigentes? Pretendo deixar bem claro que não estou tendo aqui uma postura anti-religiosa (considero a religião de enorme importância na vida humana), mas sim questionando o fato da mesma dificultar a melhoria das condições de vida humana e, como tem sido característica da atual concepção de religião, assumir um caráter conservador frente às injustiças causadas por nosso sistema sócio-político-econômico-ideológico. Hipocrisia?

Além da falta de material para estudo, vem se notando a falta de monitores para as aulas práticas de Anatomia, à restrita função que aos mesmos cabe, as provas esquizofrênicas de Anatomia I, a desvinculação entre a Anatomia I e II, a falta de condições de higiene da sala de anatomia, a desutilização do Museu, a falta de preparação de peças e a situação de clandestinidade dos horários noturnos para o estudo de Anatomia.

Dada a agudização da falta de material para o estudo prático de anatomia, que, sem dúvida alguma levará à iminente impossibilidade das aulas práticas, reunimos professores, representantes de turma, monitores e estagiários e o CASL, a fim de discutir tal situação e traçar táticas para a solução da mesma. Aproveitou-se tal disposição para avaliar, de maneira geral, as condições de ensino de anatomia.

Dentre os principais encaminhamentos destas reuniões tirou-se: realização de cartas e abaixo-assinados exigindo a definição dos órgãos públicos de ensino e pesquisa de Anatomia e a situação de clandestinidade com que é encarada a questão do uso de corpos para o estudo de Anatomia dentro da formação médica; reorganização do trabalho dos monitores (reuniões quinzenais com professores, exigência de comparecimento segundo comprometimento individual prévio e alterável, avaliação dos monitores pelos alunos, plantões semanais, responsabilização pelos horários extras de estudo, preparação de peças, etc.), reorganização do museu e catalogação das peças; rediscussão das questões das avaliações, no intuito de relacionar tais questões à prática médica.

Como pode ser visto, algumas coisas estão indo bem, mas faz-se necessário comprometimento com estas melhorias, sem jamais esquecer que estão distantes de transformar o Ensino Médico, mas este espaço deve ser utilizado para a melhoria imediata das precárias condições de ensino e para levar a discussão a fundo sobre a inserção destes conhecimentos na formação médica.

Luis Felipe A. Berdichevski
Monitor — Anatomia

CARTAS

Darwin estava errado?

Dia 14 de julho de 1789. Os franceses invadiam e tomavam à força o símbolo mor do absolutismo francês: era a tomada da Bastilha.

Mês agosto de 1988, quase 200 anos após, e **alguns** universitários pichavam, destruíam e invadiam o símbolo maior da gestão Ferraz: o centro cultural.

O motivo, nos dois casos, dos mais louváveis' ideal democrático.

Os meios: destruição, força.

Será que não evoluímos nada nestes 200 anos?

O que nos diria o evolucionista Charles Darwin?

E o líder democrático e pacifista Mahatma Ghandi?

O que nos diríamos nós mesmos.

Márcio Bastiani Pasa
ATM 92/2

Ainda ECEM

Na ânsia de relatar os eventos políticos, culturais e esportivos do XIX ECEM, esqueceu-se de falar sobre a parte científica do evento. Os trabalhos apresentados foram de alto nível, mostrando a capacidade dos estudantes em produzir conhecimento. Dentre as oito categorias de trabalhos científicos apresentados, a Medicina da UFRGS concorreu em três e obteve o primeiro prêmio em duas: Ensino Médico e Sáude do Trabalhador.

Os trabalhos vencedores foram: "Acidentes de Trabalho nos Metroviários de Porto Alegre" do Rubem (9º sem) e "Atividades Extracurriculares do Estudante de Medicina" dos colegas Gérson, André, Cláudio, Calviro e Richard (todos do 6º sem).

Jones
6º sem

Sec. Imprensa

A Secretaria de Imprensa está enviando o 'Bisturi" a todos os CAs de Medicina do Brasil, pedindo em troca que sejam remetidos os seus informativos. Este intercâmbio vai nos permitir um maior conhecimento dos nossos colegas de outras escolas (seus problemas, opiniões e sua arte). Os informativos estão à disposição de todos no CASL.

Biblioteca do CASL

Os estudantes de Medicina da UFRGS dispõem de uma biblioteca não-médica. São mais de 300 volumes entre romances, livros de poesia, contos, sociologia, psicologia, teoria literária.

O problema é que esta biblioteca está desativada há 3 anos e precisa ser reorganizada. Se você gosta de livros (e não é alérgico ao pó...) venha ajudar-nos. Fale com o Marsal (4º sem), com o Jones ou a Simone (6º sem) ou com a Fátima (3º sem).

Carta ao diretor da Faculdade de Medicina

Caro Professor Manfroi,

A Universidade brasileira viveu, ao longo dos anos, sob o espectro do autoritarismo, traduzido, principalmente, pelo controle do conhecimento, pois somente deve ser ensinado o que aqueles que detêm o poder permitem que seja ensinado. Anos em que as instituições de ensino do país tem vivido duros golpes, como as constantes tentativas de privatização, a manipulação do conhecimento, o seu isolamento da sociedade, o cerceamento das liberdades, a tentativa de proibir professores e estudantes de participarem do processo político no nosso país.

Neste ano, com a conquista de "Eleições Diretas para Reitor" em várias Universidades do país, resultado da luta travada pelos setores progressistas contra aqueles que insistem na ordem opressora vigente e em manter-se no poder, independente dos anseios da comunidade universitária, surgiu a perspectiva de se construir um processo democrático que colocasse em cheque a dominação que sempre imperou dentro das nossas instituições. Esta dominação reflete-se, diretamente, na produção e transmissão do conhecimento e a quem este tem servido ao longo dos anos.

O processo de eleição para reitor, embora por si só não seja o suficiente para atingirmos nosso ideal de Universidade, é um passo importante e uma forma de, pela primeira vez, serem ouvidas as vozes daqueles que dentro da Universidade sempre disseram não à privatização e elitização do ensino, não à manutenção do conhecimento a serviço de poucos. Por isso, garantir que a decisão da Comunidade Universitária, neste momento histórico, fosse respeitada e realmente o nome eleito fosse o indicado era primordial, pois caso contrário estaríamos mais uma vez alijados de participar das decisões sobre os rumos de nossa Universidade.

Desta forma, tentou-se garantir, no processo de discussão anterior às eleições, evidenciar aqueles que defenderiam o direito daqueles que constituem o quadro da Universidade escolher aquele que administraria a mesma. Buscamos, a cada momento, o comprometimento dos candidatos com o processo de democratização da Universidade, e acreditamos que o voto de todos no dia 12 de abril foi influenciado, em muito, neste compromisso. Compromisso, este, firmado pelas palavras dos candidatos que afirmaram reiteradamente que não aceitariam assumir a Reitoria caso não fossem o candidato mais votado.

Hoje, após as eleições, vemos que, mais uma vez, querem nos impor algo à revelia de nossa vontade, que mais uma vez tentam nos jogar num processo de desarticulação dos movimentos de estudantes, professores e funcionários. A atitude do Prof. Gerhard Jacob, aceitando a sua nomeação, imposta à comunidade pelo Governo Federal, é pra nós uma traição àquele compromisso assumido com a Universidade. Acreditamos que Gerhard e os demais candidatos da chapa "Novos Rumos", que hoje assumem cargos na Reitoria, fundamentaram seu programa em cima de mentiras, pois, no primeiro ato como Reitor, Gerhardt não vacilou em chamar a polícia para dentro da Universidade, cometendo o maior ato de vandalismo e agressão a um de nossos princípios mais nobres, que é a inviolabilidade da Universidade. Princípio, este, que mesmo nos áureos tempos da Ditadura, os reitores do Regime Militar, por um resquício de moral, relutavam em desrespeitar.

É neste momento histórico que vimos buscar do Senhor o posicionamento perante o desrespeito à decisão da Comunidade Universitária, não sendo nomeado o candidato eleito, tanto por parte do Governo Federal, como por parte do Prof. Gerhard, aceitando sua nomeação e quebrando com sua palavra. E para nós este posicionamento só pode ser expresso na sua intenção de compactuar com estes fatos, aceitando ou não o cargo de Pró-Reitor de Extensão da UFRGS.

Esclarecendo que nossa posição é de lutar pela justiça sempre, mesmo que contra a lei, subscrevemo-nos.

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE

COMISSÃO DE MOBILIZAÇÃO
PELA RENÚNCIA DO
INTERVENTOR — Faculdade de Medicina

XXXIX Congresso da União Nacional de Estudantes

O XXXIX Congresso da UNE: o papel do CASL

Como sede da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina do Brasil — DENEM —, há três anos, o Centro Acadêmico Sarmento Leite tem alcançado uma importante projeção nacional, que o levou, no XXXVIII Congresso da UNE, a ter um de seus membros eleitos para a Secretaria de Biomédicas e para a Executiva da Direção da UNE. Aquela Diretoria, eleita em Campinas, em 1987, procurou romper o marasmo e a distância que a UNE mantinha em relação aos estudantes brasileiros.

Hoje, às vésperas do XXXIX Congresso, cabe uma reflexão sobre o que fizemos e o que há por fazer. Fizemos o que foi possível, ao encontrarmos uma entidade devastada material e politicamente por 8 anos de direitos da Viração (PC do B), que aparelharam e destruíram a UNE, nos deixando pesadas dívidas e o descrédito da sociedade, e particularmente, dos estudantes. Não foi fácil, mas a UNE voltou às ruas, ocupou espaços e obteve vitórias nas mobilizações contra "a liberdade vigiada" nas escolas privadas, mobilizando-se em defesa da Universidade Pública e Gratuita. O Grande saldo da Gestão foi despertar os estudantes para um Movimento Estudantil criador e ativo. Nesta particular, a Secretaria de Biomédicas levantou questões relevantes como o planejamento e organização das entidades estudantis, a redivisão das secretarias da UNE (Exatas, Biomédicas e Humanas) para alcançar uma maior integração, e a redivisão das regionais da UNE. Assim como a formação de coletivos de executivas nacionais por curso que dirigirão as novas secretarias, privilegiando um programa que integre os cursos que possuem campos de atuação em comum e os aproximando dos movimentos populares. Como fruto disto, já teremos, até o final do ano, os Congressos Regionais das Entidades Estudantis da Área da Saúde e Biomédicas, e, até março de 89, um Congresso Nacional, buscando unificar nossas lutas pela Reforma Sanitária e a transformação dos currículos do setor, assim como abordando a questão do meio ambiente. E também, em 1989, estaremos organizando o I Congresso Popular pela Saúde, junto com os movimentos operários e populares. As frentes de trabalho estudantis é outro projeto prioritário, que buscará integrar em ações comunitárias, estudantes de todos os cursos.

Mas ainda nos falta muito caminho a percorrer: uma melhor organização e presença da UNE em todo o território nacional e em todas as áreas de atuação social. Para tanto, avançamos durante o Encontro Nacional de Entidades de Base — ENEB, realizado no Rio de Janeiro, de 25 a 28 de agosto deste ano, onde o CASL esteve presente. Lá discutimos uma base política para a Universidade brasileira em Ciência e Tecnologia, extensão, ensino, democracia e administração direta, etc. Além de desenvolvermos as bases de uma propósta programática para as políticas setoriais da UNE: Reforma Urbana, Sanitária e Agrária, Minorias e Direitos Humanos, Cultura, Juventude, etc. Sendo que as deliberações estão sendo compostas no CASL, para distribuição no XXXIX Congresso.

Esperamos que, com base no ENEB, desenvolva-se um Congresso da UNE diferente, participativo e profundo em seus debates.

A DENEM-CASL estarão presentes no Congresso, tanto na organização quanto na discussão do temas centrais, que são: Conjuntura Nacional, Solidariedade Internacional, Universidade e Movimento Estudantil, alternadas com conferências sobre temas diversos e mesas-redondas sobre os principais temas.

Pretendemos que o CASL permaneça com a Secretaria de Biomédicas da UNE, consolidando o trabalho iniciado nesta gestão.

Nossa tarefa prioritária hoje é garantir a continuidade do nosso trabalho, para isso sendo necessário escolhermos delegados que derrotem o PC do B/ Viração, que tantas mazelas causaram ao nosso combalido Movimento Estudantil.

Portanto, conclamamos a todos para a votação que escolherá os delegados para o Congresso da UNE, nos dias 2 e 3 de outubro, 2° e 3ª feira. Procure ler as teses que serão defendidas pelos delegados, valorizando seu voto.

Contamos com o teu voto para avançarmos sempre, em defesa de uma sociedade justa e igualitária. Todos.

Todos ao XXXIX Congresso da UNE em São José dos Campos, de 7 a 10 de outubro de 1988. Pela consolidação do que iniciamos!

Saudações Universitárias!

ARMANDO DE NEGRI FILHO
Presidente da DENEM
Secretário de Biomédicas da UNE
Gestão Henfil 87/88

Biblioteca
FAMED/HCPA

CHILE: HORA DE DEFINIÇÃO

No aniversário dos 15 anos do golpe militar que depôs e assassinou o socialista Salvador Allende, o povo chileno prepara-se para o plebiscito convocado para o dia 5 de outubro. Ao contrário do que alguns possam imaginar, a convocação do plebiscito não foi um presente de aniversário ou concessão do Gal. Pinochet, ele é fruto das pressões internas e da reorganização da oposição chilena, e sobretudo do povo chileno, que sofre diretamente os efeitos da ditadura.

A ditadura militar (que no Chile caracteriza-se na figura do Gal. Pinochet) buscar apoiar seu governo em seu modelo econômico (o dito Plano Laboral), que propagandeia um aumento do PIB (Produto Interno Bruto), aumento das exportações, concentração de terras nas mãos de poucos, e a desnacionalização da economia, além de um privilegiamento bancário exagerado. Primeiro, vamos tentar esmiuçar este dito eficiente plano econômico.

Após o golpe militar de 73, nos anos que se seguiram instalou-se uma recessão (ao contrário dos Governos democratas-cristãos e do próprio governo Allende) tanto pela crise mundial, como pela fragilidade e ineficiência do modelo econômico chileno implantado. Hoje, o PIB cresceu, mas deve-se ressaltar que o máximo conseguido foi voltar a níveis semelhantes do modelo do PDC (Partido Democrata Cristão), anterior a Allende. O segundo ponto econômico é o aumento das exportações, calcado basicamente na agricultura (frutas), em um modelo agrícola que privilegia a concentração de terras aos "proprietários — empresários" latifundiários, traduzindo), e que leva os pequenos agricultores (campesinato) a migrarem para a cidade (fenômeno dos "cinturões de miséria", semelhante ao Brasil); e a exportação de manufaturados. O terceiro ponto é a desnacionalização da economia, com a chamada "conversão" da dívida externa em investimentos diretos e emortização da dívida (que, no Chile, tem aumentado enormemente nos últimos 10 anos). Por outro lado, o modelo econômico diminuiu e arrochou sobremaneira a renda per cápita populacional (diminuição do poder aquisitivo), que vem num crescendo de pauperização do povo chileno, tanto pela má distribuição de renda como pela priorização do modelo desenvolvimentista — exportador do setor primário da economia (num processo de círculo vicioso).

Assim, o governo militar apenas mostra o bom nível econômico a que chegou uma diminuta parcela da população, que detém o poder, enquanto a maioria da população tem um arrocho salarial e perda do poder aquisitivo (fenômeno da concentração de renda).



Policial aponta arma para manifestante em Santiago: a face de sempre da ditadura



Protestos contra a candidatura de Pinochet: três mortos e mais de 1.000 presos em um dia

Em segundo lugar, do ponto de vista "legalista" — das leis —, o governo ditatorial apóia-se em uma Constituição outorgada em 1980, escrita pelo regime vigente.

Enquanto isso, no Brasil, ainda persistem alguns resquícios de grupos que apóiam o governo militar, principalmente pela "recuperação" econômica que o mesmo alardeia. Esquecem-se que o mesmo, sendo calcado no setor primário, é instável e vulnerável, e depende demais da situação conjuntural da economia internacional na comercialização dos produtos agrícolas (aposta permanente em menores produções nos outros países) e do cobre, a maior fonte mineral do país; e, mais importante, esquecem-se de todos os crimes cometidos pelo governo militar.

Vê-se, também, que o brasileiro (em sua maioria) continua tendo sua opinião formada pelos meios de comunicação de massa. Isto é lamentável e perigoso, pois confirma e estimula a alienação e a falta de crítica e emissão de opinião do brasileiro que tem acesso aos meios de comunicação. Menos mal, a Rede Globo resolveu mostrar-nos o filme "Missing" do diretor-grego Costa-Gravas (e não um filme de apoio ao Gal. Pinochet).

O filme "Missing — O Desaparecido" nos remete à visão de um estrangeiro — norte-americano — que vai ao Chile à procura de seu filho, desaparecido durante os primeiros dias do golpe de setembro de 73, e preso no Estádio Nacional de Santiago (com cerca de outros 40.000 "presos políticos"), pretensamente por "saber demais" sobre o envolvimento norte-americano (por sinal, até o pescoço) antes, durante e depois do golpe (vide fenômeno semelhante no Brasil de 1964). Conforme o desenvolvimento da história (verídica), o cidadão americano típico classe média vai revendo suas antigas crenças: de que ninguém é preso sem ser culpado de algo e depois de julgado com justiça; as leis existem para serem cumpridas e punidos devem ser aqueles que as descumprem (ignorando por quem e para quem são escritas as leis); e que o governo de seu país (na época Nixon, hoje Reagan — Nicarágua — El Salvador, amanhã...? Espera-se que não seja Bush) é fiel protetor dos cidadãos e seus direitos, tanto dentro quanto fora de seu território, tendo suas ações a serviço da justiça. Ao longo de sua luta, enfim suas crenças caem por terra ao encontrar com as autoridades diplomáticas que agem de modo cínico e insensível diante do destino de vidas humanas.

Assim, ele fica estupefato e revoltado quando ouve de seu embaixador que "... nossa missão aqui é proteger os interesses americanos, traduzidos nas mais de três mil empresas americanas que aqui operam...". Por fim, o diretor grego toca em um ponto que sabemos, mas todos tentam encobrir: a participação brasileira em sessões de tortura (que o mesmo diretor já sugerira em filmes como "Estado de Sítio", a "importação" de torturadores profissionais brasileiros formados nos obscuros anos de 68-72).

As ditaduras de direita que abalaram a América Latina (AL) nos últimos 25 anos tem suas raízes na chamada "Doutrina de Segurança Nacional" (tema para outro capítulo), que vem da defesa da civilização cristã ocidental e, principalmente, dos interesses imperialistas externos, refletidos no crescimento assustador do poder do Estado. Como exemplos, na AL podemos citar Uruguai, Argentina, Chile, Paraguai, Brasil; além da Nicarágua e El Salvador. Na Europa, demonstrações de força anteriores como Polônia, Tchecoslováquia, Romênia e a própria repressão interna na URSS até a era Gorbachev (com poucos avanços até aqui).

A ditadura chilena é, antes de tudo, ré de crimes comparáveis ao Holocausto judeu, ao fanatismo do Kmer Vermelho asiático, ou à repressão stalinista. Calcula-se que, só na primeira semana pós-golpe, cerca de vinte mil chilenos foram assassinados pela ditadura.

Assim, no dia 5 de outubro os chilenos — apesar das ameaças de fraude — escolhem entre o SIM que referenda e aprova o continuísmo do militarismo ou o NÃO, e escolhem o caminho longo, árduo mas saboreável da democracia (lembrando que democracia não é apenas fazer e ganhar eleições). Para nós, brasileiros, resta admirar a luta do povo chileno por um país justo em que possam viver livres e chamar de pátria, e envergonharmo-nos pelo fato de só reconhecermos as ignomínias e os crimes contra os direitos humanos após termos sentido na pele a agressão (ou termos visto um filme na TV...).

Sérgio H. — estudante UFRGS

SITUAÇÃO SOCIAL DAS "PRÁTICAS ALTERNATIVAS DE SAÚDE"

De início faz-se necessário relacionar situação das práticas alternativas de aúde com a realidade social na qual es-ão inseridas e com o processo histórico ue as desconsiderou e, agora, por ra-ões múltiplas a serem analisadas, as da-em ressurgir.

Situo esta discussão com a visível ne-essidade da busca de alternativas em to-as as áreas profissionais, pois estas prá-icas estão vinculadas a um sistema sócio-olítico-econômico-ideológico que, pelas ontradições, desequilíbrios e injustiças ue cria, exige da população (ao menos la pequena parcela não castrada de suas ercepções e poder criativo, pelo próprio istema) a busca de um sistema ALTER-NATIVO. Seja este o socialismo Marxista eninista, o Socialismo Utópico, o Anar-uismo, o Comunismo, o Stalinismo (?) u outro sistema que venha a ser histo-icamente criado.

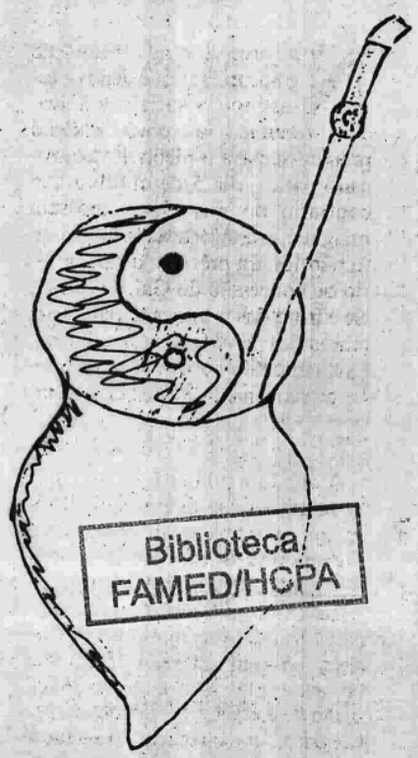
A íntima relação entre este degradan-e sistema (resumidamente caracterizado ela divisão de classes, pela exploração lo homem pelo homem, pela iniciativa rivada de poucos, pela incitação à com-etitividade, pelo acúmulo de capital nas ãos dos poucos que têm a "falsa liber-ade", pelo individualismo, etc) e o cam-o profissional, a cultura, a ciência, a ecnologia e a religião é de fundamental mportância para a manutenção e repro-ução deste sistema.

Apenas para citar alguns exemplos de al relação de todas as áreas com o sis-ema capitalista, dada a complexidade e multiplicidade destas relações, vemos: a elação entre a advocacia e a defesa da manutenção do poder burguês; a relação ntre a educação (que deseduca) e a re-rodução e a massificação da ideologia ominante; a relação entre a comunica-ão e o tipo e teor das informações que nteressam à reprodução do sistema; a re-ação entre a psicologia-psiquiatria e a massificação da compreensão do indivíduo e sua adaptação à cultura hegemô-ica; a relação entre a agricultura e o acú-mulo de capital às custas da qualidade da terra e da saúde humana devido ao uso de aagrotóxicos; a relação entre a in-dústria de alimentos e a artificialização dos alimentos e os custos à saúde da po-pulação; a relação entre a educação físi-ca e a reprodução do autoritarismo (dis-ciplina militar) e do narcisismo; a rela-ção entre o meio científico e a produção daquele conhecimento que compactua com o sistema, ou seja, pesquisar-se mais AIDS do que Doença de Chagas, para exemplificar; a relação entre a tecnolo-gia e o desenvolvimento de técnicas que servem ao sistema, ou seja, gastam-se fortunas no desenvolvimento de arma-mentos e energia nuclear, enquanto mi-lhões de pessoas vivem em favelas sem esgotos, luz, etc.; a relação com o dese-quilíbrio ecológico através da devastação de matas, extermínio das espécies, poluição dos ares e das águas, e o desenvol-vimento capitalista; e a relação com a área da saúde, sua ciência e prática, e a reprodução do sistema hegemônico.

Situada a Medicina dentro desta mul-tiplicidade de relações, pode-se analisar, sucintamente a sua evolução histórica (Bisturi-43-2), e inserir aí o "surgimen-to das práticas alternativas", visando a compreender a atual situação social das mesmas.

Juntamente ao desenvolvimento do sistema capitalista e de sua ideologia sus-tentadora, desenvolveu-se uma Medici-na, e, conseqüentemente, as demais áreas da saúde, subjugadas ao poder médico, voltada a reproduzir tal sistema, através de suas concepções e práticas. Através de suas concepções mecanicistas do homem




Biblioteca
FAMED/HCPA

e de sua relação com o mundo, passou a compreender o homem através das ciências duras (química, física, biologia), entendendo-o como uma máquina que pode ser dividida em mente e corpo, este último dividido em peças isoláveis.

Tais concepções descontextualizam o indivíduo de seu sócio-eco-cultural, compreendendo o processo saúde-enfermidade como desequilibrado por uma causa biológica, e quando rende-se à evidência da influência social na gênese da doença, limita-se a "curá-la" de maneira massificante, estando a prevenção da doença ligada a fatores sócio-políticos, com os quais a "Medicina Científica" recusa-se a enfrentar. Baseada nestas concepções, a Medicina Científica trata de exercer sua prática de maneira massificante, de forma curativa, diagnosticada através de um raciocínio lógico de sintomas e tratada alterando-se o equilíbrio fisiológico do organismo. Paralelamente a tal prática, cresceu o complexo de indústrias farmacêuticas e hospitalares, que servem de bases arraigadas à hegemonia de tal Medicina.

Com a evolução da Medicina Hegemônica, outras práticas de saúde foram marginalizadas dentro de nossa sociedade. E, como em todos os campos, estas práticas vêm crescendo no meio social, sendo rotuladas como práticas alternativas.

Num país capitalista dependente como o nosso, a situação das "práticas alternativas" não parece constituir verdadeiras alternativas à realidade de saúde da população. Em primeiro lugar, vê-se que tais práticas são exercidas, na grande maioria das vezes, no sistema privado de saúde, atendendo a uma pequenísima parcela da população (alternativas?). Isto ocorre, porque a grande maioria deve ter acesso a um sistema massificado, tendo uma única alternativa para a resolução de seus males, enquanto desenvolve-se no sistema privadp várias outras "alternativas", dando a falsa idéia de pluralismo e liberdade de opções. Da mesma forma, a grande maioria tem acesso a alimentos "ricos" em agrotóxicos e aditivos químicos (ao invés de vitaminas e sais minerais...), alimentos de origem animal contendo hormônios e medicamentos, enquanto uma minoria tem acesso a alimentos mais puros; embora a maioria desta minoria prefira, de forma imediatista e empirista, gozar de alimentos saborosos e envenenados. Assim o fato de somente uma minoria ter acesso a tais práticas não é desculpa para comermos chicletes com coca-cola e para nos entupirmos de medicamentos, e, pior que isso, reproduzir tal cultura capitalista às outras gerações.

Em segundo lugar, vê-se o notório descompromisso social que tais práticas assumiram com o decorrer do tempo, limitando-se, tal como a medicina tradicional, a desenvolver atitudes curativas e de engajadas com a melhoria das condições sociais. Desta forma, aliou-se ao consumismo e a todo o sistema hegemônico.

Por último, vê-se que tais práticas assumiram uma postura acrítica (acientífica), à medida que seu conhecimento não evoluiu, permaneceu estanque, e baseado em verdadeiros "dogmas" religiosos e em comprovações empíricas que eram supervalorizadas na busca de uma terapia completa. Desta forma, ao buscarem auto-suficiência, tais práticas assumiram a mesma postura da medicina hegemônica. Devo esclarecer que não caracterizo postura crítica, de acordo com padrões cientificistas (que somente aceitam determinada prática, caso haja comprovação em laboratórios de seus efeitos em cobaias, por exemplo), mas sim como uma avaliação metodológica da ação terapêutica de determinada prática, de suas ampliações e limitações (inerente de qualquer terapia).

Considero que a atual situação social de tais práticas não é resultado único de postura adotada pelas mesmas em nossa sociedade, mas sim de uma relação dialética com os mecanismos de reprodução utilizados pela sociedade para manter a hegemonia da medicina ortodoxa, ou seja, as duas razões se auto-justificam na manutenção da situação.

Os principais meios de reprodução da hegemonia da "medicina científica" são o sistema de saúde e, em conseqüência, a formação do profissional de saúde, a Universidade, sem contar os meios de comunicação, a "compra" dos profissionais de saúde pelas indústrias farmacêuticas, etc. Além dessa reprodução da hegemonia, tais mecanismos têm agido de forma a determinar, de maneira dogmática, o conhecimento das práticas não-hegemônicas, referindo-se a elas como "charlatanismo", "aguinha", etc. Não estou aqui defendendo, acriticamente, que todas as práticas alternativas sejam eficientes, mas sim questionando sob que bases tais argumentos são levantados e a que interesses eles, sem maquiavelismos, servem.

Hoje vemos que os profissionais de saúde formados em nossas Universidades, desconhecem qualquer outra concepção e terapias além da prática hegemônica, considerando que a mesma tornou-se hegemônica por ser a única eficaz. Além disso, vemos que os espaços abertos por nossas Universidades para investigação científica de outras técnicas de saúde são praticamente nulas, colaborando, em muito, com a estagnação e desconsideração do conhecimento a respeito das mesmas, que tem potencial a ser desenvolvido como alternativas, nos três níveis de atenção, terapêuticas, econômicas e culturais à saúde da população, da qual a maioria está isolada dos serviços de saúde.

Vemos, também, que juntamente com o caráter elitizante e marginal que tais práticas assumiram, o serviço público de saúde e a Rede Hospitalar tem sido importantes responsáveis na atuação restrita à rede privada de saúde que estas práticas não-hegemônicas desempenham.

Desta forma vê-se da necessidade de travar discussões sobre a atual inserção social das "práticas alternativas", resgatando a sua condição de alternativas, a fim de criar uma contra-hegemonia dentro do setor saúde e no meio universitário, na busca de terapias que visem, conjuntamente e sem hegemonização, à melhoria das condições de saúde de nossa população. E, para tanto, faz-se necessária a formação de profissionais de saúde que disponham de conhecimentos de várias condutas médicas e de uma concepção holística do homem, da sociedade e da natureza, a fim de reequilibrar o desequilíbrio social, que gera o desequilíbrio individual e o ecológico.

Luis Felipe Berdichevski
XIII Encontro Nacional de
Estudantes Interessados
em Homeopatia e Práticas Alternativas
POA — 22 a 29 de Janeiro de 89

Deus e o diabo na terra do sol

É madrugada. Deve ser umas três horas. Ou mais. O ônibus ("corujão") que me traz de volta de mais uma noite boêmia pára no Mercado Público. Caminho pela Otávio Rocha.

Porto Alegre, assim à noite, completa o meu quadro de cidade: teus edifícios altos, de tom sombrio e cinzento, nos escondem. No meio da multidão, sentimo-nos afogados. Continuamos.

Tu és mulher, Inês. Muito mais do que aquelas "Damas" que aparecem nas Colunas Sociais dos importantes jornais, que tu lês do motorista de táxi.

Contraste. Com este teu céu azul, repleto de estrelas. Silêncio. A Lua (tal como diz Caetano, de São Jorge) é minha guia nestas ruas escuras, misteriosas e perigosas. Amo-te assim mesmo, Porto Alegre.

Tu me abordas perto de uma grande loja. Tens os olhos pintados de um rímel cor rosa, a face pesada de rouge branco e um batom vermelho forte. Vestes uma calça colan justa. Deves ter frio. Sim, certamente tens frio. O teu sorriso é o mesmo que usas todas as noites, no mesmo "ponto". Quando tu me fazes a proposta., digo-te que apenas quero conversar. "Pagando, tudo bem, louro".

Sigo-te para um desses motéis baratos. Uma espelunca alugada. Um quarto com uma cama, uma cômoda e uma tênue luz (a lâmpada deve ter uns 40 W). Muito pó. Deve ser o teu quarto no dia. Sento. Peço-te que me conte o porquê de estar vendendo teu corpo a Cz$ 300,00 numa noite fria, madrugada de um Porto não muito Alegre. Agora, teu sorriso não é mais o sorriso emprestado de uma Marylin Monroe, e sim um sorriso triste de quem sofre. Pensaste que eu iria falar dos meus problemas. Decidi ouvir os teus, para ver que os meus não são tão pesados assim. Terapia de choque.

Sofreste a humilhação de viver no interior do interior. Engravidaste. Com quinze anos. Não sabias quem era o pai de teu filho. Brigas em casa. Ameaçaram-te de morte. Fugiste. Veio a POA. "A vida é difícil de se ganhar, louro". "Não sabia fazer nada além de capinar". Teu rufião, como os de outras tantas, ofereceu-te a oportunidade: venda do teu corpo, trinta por cento na mão e um quarto e comida para sobreviver. De quando em quando, um pouco de atenção. Tiraste o filho. "É preciso viver, louro".

Uma amiga minha me falara que tua profissão ("a mais velha do mundo") era uma exploração da mulher.

Concordo, Mas, antes de tudo, é a exploração do corpo e da alma de um ser humano.

Noventa cruzados. É o que tu ganhas, Inês, cada vez que vendes teu corpo e a tua alma. Sim. Há os que buscam em ti "prazer" apenas. Há os que em ti buscam a felicidade (reduzida ao sexo). Há os fetichistas, os sadomasoquistas. E há os que, como eu, buscam em ti uma resposta para problemas que pesam dentro da alma.

Noventa cruzados.

Inês, ouve o que te digo: dentre todos nós, tu ainda és a mais digna. Sabes ouvir. Não por submissão ou porque recebeste dinheiro. Por Humanismo. Por compreensão. Por carência de afeto. Por solidariedade.

Como a Geni, de Chico Buarque, tu resistes. És capaz de te entregar ao mais vil dos homens, Inês. Que te exploram, te machucam e riem, e fazem chacotas de ti. E despejam em ti sua brutalidade e seu machismo. Descarregam em ti a opressão do dia-a-dia que eles sofrem. Reprodução do sistema.

Tu és um grande ser humano. Muito mais do que estes que te fazem submissa. Mais, muito mais do que aqueles que se acham no direito de manipular vidas, exércitos, ditaduras, bombas atômicas, homens.

Tu és linda. Mais do que muitas "Misses" que andam por aí e pensam que viver se faz em uma bola de cristal.

És mais digna do que muitos médicos (ainda bem, não todos). Destes que não sabem (ou não querem saber) o que se passa ao seu redor, na cidade, no país, no mundo. Apenas comercializam Medicina. Tu, o teu corpo e a tua alma?. Não olham para o teu rosto. Há os que se consideram superiores. Há os que de ti sentem vergonha. Receitam-te penicilina. Dizem que estarás curada logo. "Não esqueça a camisinha". Dão-te a cura (parcial) do teu corpo. Tua alma. Ora, há os que consideram que tu nada vales (pelo contrário). Há os que "não tem tempo", não querem se envolver.

Tua alma é justa. Mais pura do que as dos soldados/policiais que te ameaçam com prisão, e te tiram dinheiro para não te colocar no Inferno dos Infernos (mal sabem eles que tua prisão é teu corpo, tu o sabes).

És mais digna do que eu. Eu, que muitas vezes sabendo o que se passa, calo. Eu, que muitas vezes, fico preocupado com coisas tão pequenas, fúteis, e não te conheço. Freqüento festas, muitas vezes, para tentar preencher o meu "vazio" interior. Dentre nós, ainda és a mais digna.

Tu trazes a verdade. Ao contrário daqueles grandes jornais e noticiários, que só nos "informam" o que lhes interessa. Fazem nossa cabeça todo dia. Porque a tua verdade é a do povo: sofrido, humilhado, calado, pretensamente submisso. Mas que resiste. E, por mais que te explorem, machuquem, humilhem, manipulem, ameacem, encarcerem, mintam, oprimam, tu resistes.

Digo-te que decidi escrever sobre tua vida/profissão, representando tuas colegas. Ora, como "não há nada de interessante na vida de uma puta"? Fazem-nos acreditar que uma vida nada vale. No íntimo, sabemos o valor de uma vida humana.

Saio. Antes, peço: resiste. Dá-me um sorriso como resposta. Teu sorriso agora é bom, é sorriso de amiga. É sorriso de quem sabe que há esperança. Vai à luta. A noite ainda não acabou.

Dentre nós, tu ainda és a mais digna.
Inês, por favor, resiste. E obrigado.

Marsal Lerner ATM 92/2

A FÚRIA DO SEXO FRÁGIL CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE

Ela vai à luta de corpo inteiro
Ela faz de tudo, ela faz ligeiro
As coisas que precisa, tudo o que quer
Se materializa, uma mulher
Uma menina enlouquecida
Pela cidade, a sina e a buzina
Vontade férrea, feminina fúria
Determinada, perigo, prazer
Ela nem se assusta, nem mesmo pisca
Sabe o quanto custa servir de isca
Anda pelas ruas de madrugada
Tem as pernas nuas, as mãos geladas
Rimel nos olhos, batom que mancha
Fuma, se perfuma e o penteado não se desmancha
Quem sabe é mãe, mãe de família
Quem sabe até é sua própria filha.

QUEM SÃO OS BURGUESES?

Existe uma idéia muito difundida, principalmente na esquerda, de que só é burguês quem tem dinheiro, automóvel, propriedades, apartamento, que explora os empregados, dá apoio e voto aos partidos de direita, etc.

Essa concepção parece ter origem no marxismo. De fato, para os marxistas o conjunto das relações econômicas é a base das demais relações. Ou seja, o modo de produção capitalista divide a sociedade em duas classes, e a classe exploradora fica sendo chamada de burguesa. Ora, isso é um grande maniqueísmo. Então se de repente o Paulo Maluf perder tudo o que ele tem e for morar numa favela, ele deixa de ser burguês? Uma pessoa não é ou deixa de ser burguesa só na medida em que na mentalidade, nas suas relações com as pessoas, e também quando participa de uma estrutura econômica e política.

Pensar que só é burguês quem participa da estrutu ra econômica e política é um erro, como também é um erro pensar que ser burguês é só um problema de mentalidade. Ser burguês não é um problema político e econômico, pois sabemos que, mesmo quando muda a política e a economia, o modo de relacionar e a mentalidade podem permanecer. Por outro lado, sabemos que não basta só mudar a mentalidade se continuarmos nos relacionando com os outros imersos numa sociedade política e economicamente burguesa.

Geralmente as pessoas de esquerda costumam afirmar com o peito cheio: eu não sou burguês, burgueses são os outros que estão lá. Mas não procuram mostrar onde estão concretamente e o seu socialismo. Por exemplo: um jovem participa de um partido de esquerda (o PT ou o PC, por exemplo), fala de um mundo mais justo, mais humano, igualitário, mas no seu cotidiano, ele não tem nada de revolucionário, é consumista, está atrás de um salário alto para poder consumir mais, é machista no seu relacionamento com as outras pessoas, não convive com pessoas simples e pobres, é carnívoro, competitivo. Suponhamos, ainda, que este jovem tem uma mãe, que faz tudo por ele, lava sua roupa, faz sua comida, arruma sua casa, enquanto ele só se ocupa de outras atividades (trabalha num escritório, estuda numa faculdade, escreve para jornais, etc.). Ora, o relacionamento desse jovem com sua mãe é extremamente burguês. Ela, para ele, não passa de uma empregada, ou seja, uma pessoa que executa o trabalho manual necessário à sua sobrevivência enquanto ele só se ocupa do trabalho intelectual. Este jovem pode estar participando politicamente do processo revolucionário, mas não está participando com sua vida, pois aquilo que o cerca ele está tendo um relacionamento burguês.

Tomemos o exemplo ao contrário. Pode existir outro jovem que lava sua roupa, é vegetariano, prepara o alimento, lê muito, não é machista com a namorada, mora numa casa de periferia, convive com pessoas simples, tem um trabalho alternativo (cria abelhas, p. ex.), mas que não participa de nenhuma atividade política, não tem compromisso nenhum com o movimento socialista(?).

Não vamos propor aqui que as pessoas devem de uma hora pra outra eliminar todo o traço de burguesia, em todos os níveis. A realidade é complexa. Por exemplo: eliminar todo traço de uma relação mãe e filho ou homem e mulher é um trabalho para a vida toda. E esses são apenas dois exemplos no meio de muitos. O que pretendemos é criticar a atitude muito comum que nós temos de encerrar a luta quando eliminamos a burguesia de apenas um dos níveis. Aí começamos a criticar os outros, que chamamos de burgueses. É claro que criticar e perseguir os burgueses é muito importante, porque eles têm mais é que desaparecer da sociedade, mas é muito importante, também, que estendamos essa crítica a nós mesmos, que não nos deixemos livres dela. Aliás, nada mais burguês do que a superficialidade, a estagnação, a falta de coração de ir fundo.

Maria Helena
Revista Utopia

Com a palavra, Galeano

Transcreveremos, agora, trechos da palestra de Eduardo Galeano no Auditório do Colégio Rosário. A conversa do escritor começou interpelando uma brincadeira do professor Sergius Gonzaga que contava uma história curiosa sobre Galeano. Ele lembrou que numa chuvosa madrugada dos anos 70, Galeano bateu na casa do historiador Décio Freitas, numa missão delicada. Vinha a Porto Alegre atrás do método mágico de corte de cabelo Pilomax. "Como vocês podem verificar o resultado não foi dos melhores", brincou o professor gaúcho. Galeano então começou a falar, sendo diversas vezes interrompido com aplausos da platéia.

"Perdi os cabelos, mas não perdi as minhas idéias. Nenhuma das minhas idéias caiu da minha cabeça. Esse é o grande consolo que tenho, sobretudo quando vejo que alguns amigos dos velhos tempos ainda conservam seus cabelos, mas não conservam suas idéias. Eles escolheram o caminho do arrependimento. Eu não estou arrependido de nada que fiz ou falei. E isso não significa que minhas idéias não tenham evoluído, pois não estou aposentado. Como não tenho a menor sede de poder, acho que estou salvo de perder minhas idéias".

"ESTAMOS TREINADOS PARA SERMOS CEGOS"

A Literatura, a palavra humana, quando verdadeira, ajuda a olhar; abre os olhos das pessoas, ajuda um pouquinho a ampliar a extensão e a profundidade da visão de mundo que nós temos, treinados que estamos para ser cegos, cegos do mundo e cegos de nós mesmos. Na trilogia, "Memória do Fogo", tentei ajudar a olhar a nossa História, da América toda, do norte ao sul, muito especialmente a história da América Latina. Essa região é uma terra treinada para o autodesprezo, para se ignorar a si mesma.

Por isso que falo da necessidade de descobrirmos a nós mesmos, agora que está se falando tanto, montanhas de discursos, que serão cordilheiras de discursos até 1992, consagrados a isso que chamam de Descobrimento da América. A América não foi descoberta em 1492, em primeiro lugar porque os índios já tinham se descoberto eles mesmo antes de que alguém chegasse do outro lado do mar para fazer o favor de descobri-los. A América também não foi descoberta em 1492 porque as experiências imperialistas não descobrem e sim encobrem; não revelam, mascaram. Essa é a nossa tarefa: descobrir a nós mesmos.

"NÃO SOU RICO NEM MILITAR"

A história oficial é contada por e para os brancos, os ricos, os machos e os militares. Eu sou branco e macho, mas não sou rico nem militar. Tenho a possibilidade de tentar oferecer a minha boca àqueles que têm voz, mas não tem a possibilidade de que seja escutada. Acho que esses são os sons que valem a pena. Existe um verso de Martin Fierro que diz mais ou menos assim: "O fogo que mais esquenta é aquele que vem de baixo". Essa história é muito mais rica e fecunda que a história boba que a cultura oficial tenta nos vender.

A cultura oficial fratura tudo o que toca, ela é um sistema de divórcios: o divórcio entre a alma e o corpo, entre o discurso íntimo e o discurso público (aquele que permite que um homem na rua fale contra o ditador Pinochet e depois, em sua casa, atue igualzinho ao ditador Pinochet com a mulher e filhos), divórcio entre a política e a literatura. A cultura oficial também separa a razão do coração, mundo das emoções do mundo das idéias. Tentei escrever "Memória do Fogo", como dizem os pescadores da costa colombiana, de forma sentinpensante ou seja, que fosse capaz de expressar ao mesmo tempo as idéias e as emoções.

A estrutura de "Memória do Fogo" está baseada em pequenas janelinhas, histórias curtas que não residem na cultura oficial, onde acredito que esteja a verdadeira grandeza do Universo. A tarefa da recuperação da memória integra a tarefa da recuperação da nossa dignidade. Acho que devemos ter orgulho de nossa memória. Ela é nossa mestra, nosso alimento e veneno, parte substancial de nossa identidade.

"JUSTIÇA DEVE SER UMA SÓ"

Hoje existe uma moda de elogio ao esquecimento. Por exemplo, em meu país, o Uruguai, integro uma comissão de delinqüentes que têm cometido um delito imperdoável do ponto de vista dos teóricos do esquecimento como forma suprema da felicidade humana. Concluímos uma campanha de assinaturas contra a lei de impunidade do terrorismo de estado. (Sua fala é interrompida por aplausos). A quantidade de assinaturas contra a lei de impunidade que recolhemos no Uruguai seria equivalente, no Brasil, a 40 milhões de pessoas que acham que a Justiça deve ser uma só, seja ela aplicada — aos que vestem como nós, seja ela aplicada aos que vestem fardas. Há pessoas que acreditam que uma verdadeira democracia não pode ser edificada sobre o pântano do medo. Foi uma campanha difícil, pois o povo uruguaio foi treinado, durante 12 anos, para o silêncio. Um uruguaio de cada 50 foi torturado. E não há no Uruguai, nesse tempo todo, nenhuma pessoa processada por tortura. Mas tem um caso, do capitão Edson Arante que passou nove anos preso porque negou-se a torturar um preso político. Nós obtivemos o nº de assinaturas necessárias, mas agora a corte eleitoral está tentando eliminar boa parte delas, mas acho que vamos chegar ao plebiscito e aí o povo vai se pronunciar a respeito dos torturadores. Acho que vamos vencer, mas caso a proposta da lei do esquecimento obrigatório seja vitoriosa, mesmo assim, esse esforço todo terá valido a pena, porque a luta pela dignidade humana não é uma luta feita para ganhar, se você perde também vale a pena.

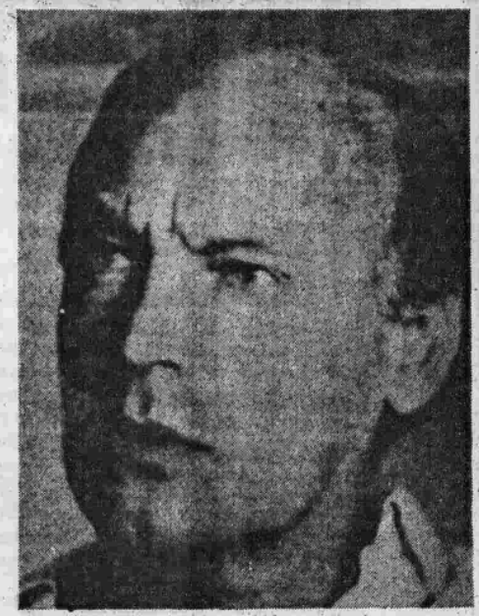
"COLONIALISMO INVISÍVEL É O PIOR"

Outra grande tarefa é a multiplicação de novas energias de criação. Acredito profundamente que o subdesenvolvimento não é uma questão de estatística, mas sim de uma estrutura de impotência, um sistema de poder, universal que nos treina a não ser capazes de pensar com nossas próprias cabeças, de sentir com nossos corações e de caminhar com as nossas próprias pernas.

Essa estrutura da impotência funciona dentro do que eu chamaria de colonialismo invisível, que é um colonialismo real, muito mais perigoso do que o colonialismo visível, que utiliza o crescimento vertiginoso dos meios de comunicação que nos incomunicam, usando um sistema de educação que nos deseduca. O colonialismo invisível é mais hábil e astuto que o visível. Este é um sistema que claramente proíbe fazer, proíbe dizer e proíbe ser, enquanto que o invisível te convence que você não pode fazer, dizer ou ser. É por isso que acho tão heróica a luta do povo nicaragüense (aplausos), que enfrenta um inimigo visível, os contras, funcionários de Reagan, mas também enfrenta uma luta mais profunda e difícil que é a luta contra a estrutura de impotência e contra o colonialismo invisível. A Nicarágua é culpada de querer ser Nicarágua e para sê-la tem de começar a se descobrir.

Nosso inimigo principal não está fora de nós. Nosso inimigo mais forte é o medo que habita dentro de nós. Para que nossos países consigam atingir a libertação real é preciso brigar contra a idéia da fatalidade do destino. É preciso agir com urgência".

Colaboração:
Carlos Oscar Kieling — ATM 92/2



Eduardo Galeano: "A literatura, quando verdadeira, ajuda a olhar"

HUMANISMO SOCIALISTA

Quem defende a revolução social deve, [illegible] ir, buscar mais do que simplesmente uma alteração superficial de governos (Parlamentarismo? Presidencialismo?) A importância só [illegible] para a definição dos encaminhamentos políticos a serem tomados. Muito além disso, busca a total formação radical e profunda da sociedade, [illegible] substanciada na revolução do próprio homem. É o último desta transformação, alvo criativo e [illegible] dor do socialismo. Essa transformação, é [illegible] mais profunda, radical e completa do que [illegible] parecer aos adeptos do neofilibatismo reacionário, não se limitando apenas à tomada do poder, por via armada ou não, e a substituição de um esquema de relação de produção por outro. Não, os revolucionários buscam bem mais do que isso: querem, realmente, construir uma nova sociedade, erigida sobre outras bases e norteada por outros valores, sociedade esta capaz de possibilitar a emancipação total do homem, hoje condicionada à emancipação da classe capaz de levar esta importante tarefa histórica à sua concretização: o proletariado.

Não se pense o socialismo como aquela coisa caduca e monolítica da esquerda tradicional, de orientação expressa ou implicitamente stalinista, burocratizada, atrasada, contrarrevolucionária neste sentido humanístico do que aqui se trata: o socialismo deve, isto sim, ser visto como a solução possível, viável e necessária, capaz de fazer do homem mais do que um braço alienado, um fator de produção a mais, como um guindaste ou uma solda; como a única via política capaz de engendrar o homem integral, o homem cosmopolita, o homem consciente, aproximando o trabalho intelectual do físico até sua junção indissolúvel no homem socialista: não uma super-raça, não um semideus, apenas o homem, desenvolvido em todas as suas potencialidades, construindo seu próprio mundo e sua própria história, através do trabalho social, coletivo, consciente, da prática democrática socialista, do crescimento auto-revolucionário constante, expressão máxima do processo histórico. Só através disso se pode alcançar uma resposta adequada e definitiva para as questões econômica, social, política, educacional, ecológica, sexual, racial, etc. Através de uma arte revolucionária e popular, de uma democracia não só formal, mas efetiva, da militância constante no nosso dia-a-dia, da solidariedade com todos os povos oprimidos do mundo, poderemos construir a grande alternativa realmente democrática, socialista, que rompa com os marcos esclerosados e sufocantes do capitalismo, que esmaga indistintamente estômagos e cérebros.

Aqueles que vêem no socialismo uma utopia burocrática-repressiva, deixo uma frase lapidada na história da luta de classes pelo próprio Marx: "o livre desenvolvimento de cada um é condição para o desenvolvimento de todos".

José Carlos Garcia
4º ano
Faculdade de Direito

Biblioteca
FAMED/HCPA

Decifra-me ou eu te devoro

Nize Maria Campos Pellanda

Mestre em História da Cultura e autora de "Ideologia, Educação e Repressão no Pós-64"

Vivemos hoje um momento muito difícil, em um ambiente profundamente degradado, pois não se passa por um período tão longo de ditadura impunemente. Este regime deixou marcas profundas na sociedade e no fundo de nossas almas. Assistimos a uma degradação do sistema político, da saúde pública, do sistema educacional, etc. e, ao nível do individual, uma profunda acriticidade. Para constatarmos esta ausência de crítica basta olharmos as pessoas do nosso meio: aplaudindo os ditadores de ontem que hoje nos governam travestidos de democratas. As instituições e as pessoas foram usadas de modo aniquilante.

Para viver precisamos compreender criticamente a realidade social e assim podermos agir sobre ela. Para viver numa situação tão caótica como a que estamos atravessando precisamos mobilizar mais ainda nossa capacidade crítica para decifrarmos a teia de fatos que nos envolve e nos tira a nossa dimensão individual. A classe que domina cria um conjunto de idéias que difunde pela sociedade com o objetivo de justificar seu domínio e de obscurecer a verdadeira realidade social. A esta visão distorcida do real é que se dá o nome de ideologia.

Mas afinal o que é ideologia? Para que serve? Como funciona? Não podemos definir ideologia simplesmente como uma visão distorcida do sistema social. Ela é muito mais complexa e dinâmica do que isso. Desde pequenos ouvimos na família, depois entre os amigos, na Escola, na Igreja, uma série de preceitos e idéias que vão moldando nossas personalidades. Não questionamos essas idéias e as aceitamos como verdades universais. Esses preceitos acabam por tirar-nos a oportunidade de pensarmos por nós mesmos e construirmos a nossa própria realidade. Este conjunto de idéias tem como objetivo precípuo o de legitimar a classe dominante no poder.

Quanto mais sutil e quanto menos aparecer o caráter de inculcação deste condicionamento, mais eficiente ele será. Evidentemente, existe sob este sistema de idéias, relações de força que, necessariamente, implicam numa violência ao ser humano.

É preciso, pois, desconfiar e decifrar. Paul Ricouer, filósofo francês, fala-nos de uma "escola da suspeita". Mostra-nos ele que este esforço sistemático-crítico para decifrar a realidade social por trás das aparências foi realizado de maneira brilhante por três grandes pensadores: Nietzche, Marx e Freud. Cada um, a seu modo, de acordo com o seu contexto social e limitados pelos preconceitos de seu tempo, empreenderam uma leitura do social, do escondido, do latente, que podem nos servir de celeiro de referenciais para empreendermos a análise do contexto contemporâneo. Nietzche orientou sua análise pela Vontade de Poder e o que está por trás do poder; Marx, usando o conceito de Ideologia mostrou como as classes dominantes exercem sua hegemonia ocultando os verdadeiros fundamentos de sua prática e, finalmente, Freud, usando o conceito de inconsciente, trouxe a leitura do escondido para o nível individual. Apesar de Freud não ter usado o termo Ideologia, o que realmente ele fez foi mostrar a Ideologia ao nível individual, que ele chamou de racionalização, pois não são somente os outros que escondem a realidade de nós, mas, também nos iludimos e ocultamos de nós mesmos coisas que não queremos ver. É justamente por isso, que a Ideologia é tão eficiente.

Conhecimento do mundo e aprendizagem tem a ver com conscientização e construção. Ensino reprodutor e formal não leva a uma real aprendizagem. Para Piaget é preciso agir sobre o real para que aconteça uma aprendizagem. Sabe-se hoje de uma forma muito clara que, se a pessoa não puder pensar sobre o seu ato de aprender, não se envolver afetivamente com este ato, a aprendizagem não acontece. O homem só se transforma em homem e se humaniza na sua prática de criar-se a si mesmo e a sua realidade social.

O trabalho é o instrumento de humanização por excelência, seja ele manual ou intelectual. Se, porém, formos privados do trabalho criativo e construtor somos privados de nossa própria dimensão humana. Por que então continuamos a insistir na prática reprodutora e portanto, alienante?

Todo novo grupo que começa a exercer seu poder sobre uma sociedade trata de organizar-se no sentido de difundir certas idéias para justificar sua posição, inclusive dando entender à sociedade que estas idéias não foram engendradas por eles mas que são verdades universais. Lançam mão de uma série de estratégias para manipular as pessoas para pensarem na direção desejada. Mas, quem vai forjar estas idéias e difundi-las na sociedade? Os intelectuais são então, cooptados para realizar estas tarefas. Estes intelectuais a serviço de um grupo hegemônico vão mais longe: organizam todo o sistema educacional de modo tão sofisticado, com um aparato burocrático tão complexo, que resulta fatalmente numa inoperância da educação enquanto formação pessoal e preparo para a vida. Foi exatamente o que aconteceu no Brasil pós-64.

Este aparato burocrático da Educação não é neutro, mas algo que se destina a separar o homem do cargo, a impedir que o professor aja como pessoa e crie situações de aprendizagem real para o seu aluno, que se relaciona dialeticamente com seu aluno, formando um conjunto para uma aprendizagem em que professor e aluno aprendem e crescem juntos. Numa situação de ausência de liberdade, porém, a aprendizagem precisa ser planejada e controlada de forma a bloquear o pensamento crítico e estimular o pensamento ingênuo. Num sistema burocrático-autoritário o professor não é livre para planejar e criar. Mesmo em algumas escolas ditas progressistas, onde os professores têm liberdade para criar situações novas de aprendizagem, eles foram tão profundamente manipulados pelas idéias autoritárias que se auto-limitam não fazendo inovações ou mesmo relacionando-se com seus alunos como donos da verdade e juízes da aprendizagem do aluno, exercendo um tipo de avaliação marcadamente autoritário.

A questão que se coloca seria, portanto, a questão humana. Até que ponto, nós, como professores e administradores das escolas, estamos agindo como agentes do grupo dominante, impedindo nossas crianças e nossos jovens de se desenvolverem como pessoas e portanto, serem mais felizes? Ou ainda, até que ponto estamos contribuindo para expulsar da escola os alunos mais carentes ao permitir que conteúdos estranhos à vida deles sejam inculcados de maneira violenta? Não basta ter boas idéias, é preciso executá-las, porque é fazendo que nos tornamos alguém. Não se pode separar idéias da prática: de boas idéias o mundo está cheio. É preciso executá-las. E, para ter a coragem de executá-las, é preciso decifrar criticamente o que se passa em nós e no nosso meio social. Ou isto, ou sucumbimos como pessoas. Decifra-me ou eu te devoro.

DIREITOS ESPECIAIS DO INDIVÍDUO

Trata-se da proteção aos direitos enunciados pela nova Constituição, alinhados em seu Título II, DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS.

Os direitos que menciona, são reconhecidos e atribuídos, especialmente, aos indivíduos e, por extensão, a grupos sociais personalizados.

São direitos inerentes a todos os homens, eis que decorrentes de sua natureza. Nessas condições, são fundamentais, isto é, anteriores ao próprio Estado, delimitadores dos atos do poder político, que lhe fixam suas obrigações negativas, no sentido de que (o Estado) nada poderá validamente contra eles.

Os direitos e garantias individuais, ou direitos do homem, oriundos da colaboração anglo-franco-americana, constituem-se em princípios informadores das próprias leis constitucionais. Considerados como fundamentais pela nova Constituição, seriam anteriores ao Estado e, em decorrência, tais direitos definem o quadro fora do qual não pode ele (o Estado) comandar.

A existência da declaração desses direitos é de inegável importância, tanto é assim que, já se dizia na antigüidade, que Estado que não garante os direitos individuais, nem separa os poderes, não tem constituição.

O reconhecimento dos direitos naturais do homem não é o bastante, por si só, para que seu respeito seja assegurado. Daí, o ensinamento de Rui Barbosa: "garantias constitucionais se chamam, primeiramente, as defesas postas pela Constituição aos direitos especiais do indivíduo. Consistem elas no sistema de proteção organizado pelos autores da nossa lei fundamental em segurança da vida humana, da pessoa humana, da liberdade humana."

Dentre as inovações introduzidas pela nova Constituição, qualificadas como garantias civis, destacam-se, para aquilo que se expõe, o MANDADO DE SEGURANÇA COLETIVO, que pode ser impetrado por entidade de classe ou associação legalmente constituída, incluída entidade estudantil, em defesa dos interesses de seus membros ou associados; o MANDADO DE INJUNÇÃO, destinado a proteger o direito na falta de norma regulamentadora que inviabilize seu exercício.

Remetendo-se o assunto para um caso concreto, do interesse maior dos leitores de O BISTURÍ, poderíamos colocar os mecanismos de proteção aos direitos do homem, antes mencionados, a serviço de entidade estudantil representativa dos estudantes, para favez valer o princípio da "garantia de padrão de qualidade", base segundo a qual o ensino deverá ser ministrado, embutido no Capítulo III, de que trata Da Educação, da nova Constituição.

Aparentemente, desnecessário o recurso a esses instrumentos constitucionais, para garantir um ensino com base, dentre outros, no princípio retro transcrito, face à regra inserta na própria Seção que trata Da Educação, segundo a qual, "A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam a:...; III melhoria da qualidade do ensino; IV — formação para o trabalho; V — promoção humanística, científica e tecnológica do País", além de prever a erradicação do analfabetismo e à universalização do atendimento escolar.

Algumas colocações, contudo, se impõem.

Existindo o direito, no caso, a um ensino de adequado padrão de qualidade, pode e deve, segundo a nova Carta, ser exercido de plano.

Entretanto, a efetivação desse princípio fica condicionado ao estabelecimento, através da lei, do plano nacional de educação, como se disse algures, sem previsão de prazo para sua elaboração e implantação. Logo, uma primeira contradição da Constituição: o mencionado direito não pode ser exercido de plano, como preconiza.

Ademais, professores e alunos, aqueles como agentes, estes como sujeitos da educação, juntamente com a comunidade, não podem ficar à margem do processo de montagem do aludido plano, não só por ser a educação um direito de todos e um dever do Estado, mas, por se constituírem nos segmentos mais indicados para avaliação das necessidades, que mais se ajustam aos princípios educacionais constitucionais.

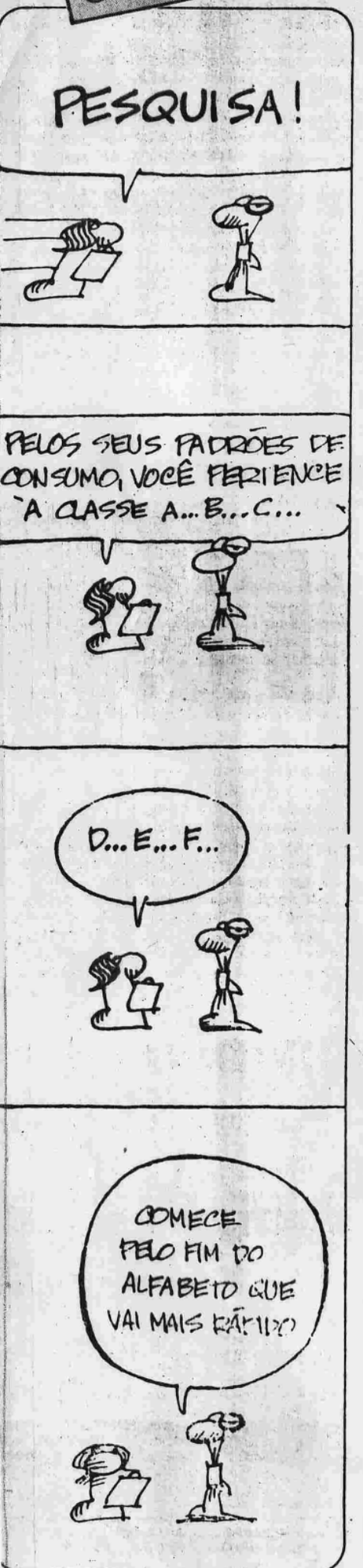
Seguindo essa linha e aprofundando o raciocínio, se ficar inteiramente, ao legislador, a tarefa de elaboração do aludido plano, sem a participação de professores, alunos e comunidade, a falta de um ensino, que garanta um bom padrão de qualidade, poderá ser tratada com doses homeopáticas, não se descartando o risco de sustação repentina desse respeitável, mas modesto tratamento.

Decorre daí, uma segunda contradição: a nova Constituição institui o direito, em benefício de seus destinatários, mas, seu exercício pende de condições impostas de cima para baixo, o que diminui em muito o princípio constitucional do fortalecimento da sociedade civil.

A indagação que se impõe: que passos devem ser dados para que os sonhos de uma educação de elevado padrão de qualidade sejam transformados em realidade e o espírito democrático da nova Constituição seja preservada?

JOSÉ LERNER
Advogado

CULTURA



UM SIMPLES DESABAFO

Tenho medo. Tenho dúvidas.
Medo de não ter mais dúvidas.
E não duvidar de quem não tem medo de nada
Temo que, por causa da minha ingenuidade,
Eu acredite no que não brotou de dentro de mim
E façam com que eu deixe de ser ingênuo.

Não quero não ter uma úlcera,
Se tiver que abolir minhas angústias, poucas inconformidades e enterrar meus poucos sonhos

Espero não ter uma consciência de tudo,
até de todos os meus sentimentos,
E perder a simplicidade do sentir sem saber exatamente o porquê

Não desejo entender todas as coisas
E não gostar mais da poesia que não entendi toda

Não me esforço pra ser o mais forte
E não ter nenhuma fraqueza humana

Não quero comprar a verdade
E trocar minha sinceridade pela hipocrisia orgulhosa

Não quero falar demais
E não ouvir o silêncio de cada pessoa que encontro

Não almejo andar à frente
E pisar em quem vem no sentido contrário do meu, ao invés de encontrá-lo.

Não quero fazer "política"
se ela couber quase toda dentro de um partido e/ou ideologia
se isso não significar colaborar pra cultivar fraternidade

Não quero lembrar de tudo,
se não tenho saudades dessas lembranças
Não quero ser "jovem", "aberto", sem preconceitos, se não tentar estar aberto também pra sabedoria e pro amor dos meus pais

Não quero deixar de ser infantil
se não amadurecer o ser puro, ser criança

Não pretendo ser perfeitamente coerente
se não puder escrever coisas como algumas dessas
muito além das minhas limitações.
E se não puder querer estar muito mais próximo desses ideais
Se não tiver o direito de sempre recomeçar a buscá-los, ao menos lembrá-los, apesar das distâncias.

Não quero ser racional
Se ser louco é arriscar ser eu mesmo e arriscar viver o que sonho

Não quero a "liberdade" se isso é não ter nenhum tipo de encontro marcado com o nascer e o pôr-de-sol humano de cada dia.

Não quero ser amigo de muitos
se deixar de amar a cada um com ternura única

Não quero namorar
Se antes de tudo este namoro não for a minha amizade mais especial

Não quero fazer história se não fizer como quando sinto realizado o infinito que pousa num instante que me foi possível viver de verdade

Não quero abraçar o mundo
Se isso simplesmente não é estar de mãos dadas com quem está do meu lado.

Não quero só condenar, odiar as estruturas desumanas injustas se junto odiar as pessoas presas nelas em vez de pedir-lhes e dar-lhes a chance da solidariedade, da liberdade

Não quero vencer na vida
Como se a vida fosse um jogo, uma corrida,
Em vez de ser uma festa de aniversário onde o maior presente é ter nascido.

Não quero só que se faça justiça
Se não me perdoar nem a ninguém os erros por ter "crescido" numa época onde a injustiça era natural, comum
E a pena de morte for a lei dessa justiça

Também não quero somente atingir os horizontais mais amplos, distantes, isolados
E não partir das praias onde nasci e renasci
E de navegar no mar onde dei minhas primeiras braçadas, com a tranqüilidade de um pequeno barco a vela,
Carinhoso com as suas ondas

Não quero desconfiar das pessoas
E não confiar nelas até prova em contrário

Não quero considerar nada se for a custa de sangue ao invés do suor

Prefiro me iludir não sentindo doendo a maioria de tristezas do dia-a-dia
Se ao mesmo tempo não sentir mais a alegria preciosa de cada flor que ainda desabrocha hoje.

Não vejo valor em lutar contra a violência se esse lutar não semear paz em cada um de nós violentos também

Não quero estudar, saber das ciências se não conseguir ajudar a criar maneiras de que ninguém possua o "conhecimento" e sim todos o ofereçam mais rico à vida

Não sonho dar a minha vida pelos meus amigos se for de um jeito que eu não possa escolher a de cada um deles

Não quero crescer, tornar-me grande,
E isso for não me acocorar diante de uma criança pra olhar na mesma altura o que seus olhos pequeninos vêem

Não quero ser humano, se isso não me deixar ver a maior dignidade humana da prostituta.

Não quero ser tão "crítico",
A ponto de desconfiar do meu coração.

Não quero só ajudar a dar esperança de uma vida menos miserável e triste

Uma realidade sofrida por tanta gente
E esquecer do sentido da lágrima humilde que chorei por causa dela

João Batista Borges Sobrinho
ATM 92/2

NÃO TE AMO como se fossem rosas de sal, topázio
ou flecha de cravos que propagam o fogo:
te amo como se amam certas coisas obscuras,
secretamente, entre a sombra e a alma.

Te amo como a planta que não floresce e leva
dentro de si, oculta, a luz daquelas flores,
e graças a teu amor vive escuro em meu corpo
o apertado aroma que ascendeu da terra.

Te amo sem saber como, nem quando, nem onde,
te amo diretamente sem problemas nem orgulho:
assim te amo porque não sei amar de outra maneira,
senão assim deste modo em que não sou nem és,
tão perto que tua mão sobre meu peito é minha,
tão perto que se fecham teus olhos com meu sonho.

Pablo Neruda
(Fragmento XVII — Cem Sonetos de Amor)
Homenagem aos 15 anos de saudade

Biblioteca
FAMED/HCPA